

TRANSIÇÃO DE UMA PAISAGEM EM RIO GRANDE/RS: do Comercial ao Industrial (1870-1910)

Ágatha Idalgo Bender Ludwig¹

Resumo: Este trabalho propõe uma arqueologia da paisagem da cidade do Rio Grande (Rio Grande do Sul), no período de 1870 à 1910, tomando especialmente fotografias como fonte de acesso à cultura material. Entendendo que a cidade passou por três momentos distintos: militar, comercial e industrial, aqui é tratada a transição da segunda para a terceira etapa. São aplicados neste trabalho conceitos de arqueologia da paisagem e considerados os aspectos informativos (como técnica de registro) e de expressão subjetiva da fotografia. Conta-se com apoio de jornais e relatórios da época, além da análise de 12 fotografias, para perceber a transição – as alterações sociais, econômicas, políticas e simbólicas – materializadas nas paisagens da cidade. Assim, acredita-se que o cruzamento das informações proporcione a percepção de elementos que se modificaram.

Palavras-chave: Rio Grande; Arqueologia da Paisagem; Fotografia.

Abstract: This paper proposes an landscape's archaeology of Rio Grande (Rio Grande do Sul), in the period 1870 to 1910. It takes photographs as a source of access to material culture. Understanding that the city went through three distinct stages: military, commercial and industrial, here is treated the transition from the second to the third stage. In this paper, we applied concepts of landscape's archaeology and we considered the informative aspects (as recording technique) and subjective expression of photography. It counts with supporting papers and reports of that time, and the analysis of 12 photographs, to perceive the transitions – changes social,

¹ Bacharel em Arqueologia, graduada em 2008 pela Universidade Federal do Rio Grande. Durante a graduação atuou no Liber Studium - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo no projeto Paisagens e Identidades: A modernidade riograndina, colaborando para o desenvolvimento de pesquisas. Tem interesse nas áreas de arqueologia da paisagem, urbana, industrial e capitalista. Atualmente é pesquisadora na Scientia Consultoria Científica. E-mail: agathaludwig@gmail.com.

economic, political and symbolic – materialized in city landscapes. In this way, we believe that the information intersection provides the perception of the elements that have changed.

Keywords: Rio Grande; Archaeology of Landscape; Photography.

Preâmbulo

Este trabalho propôs uma arqueologia da paisagem da cidade do Rio Grande, partindo da análise de documentos históricos, cruzando as informações com a análise de fotografias do centro histórico da cidade no período em questão. A partir da análise destas fontes, pretendeu-se compreender um momento específico que trata da transição do período comercial da cidade para o período industrial.

Considera-se que Rio Grande tenha passado por três momentos: militar, comercial e industrial. Entretanto, a bibliografia (MARTINS, 2004) divide este último em duas etapas, sendo ainda a primeira dividida em duas fases. A primeira fase da primeira etapa do período de industrialização é iniciada pela instalação da fábrica Rheingantz na cidade, em 1873/4 durando até 1910;



Figura 01: Localização da cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul.

inicia-se aí a segunda fase, com a conclusão das obras do porto novo, durando até a década de 1960, quando a maioria das tradicionais fábricas da cidade quebram e instalam-se novas, desta vez fábricas de adubo e refinarias. Nesta década inicia-se a última etapa, que duraria até hoje.

Para esta pesquisa foi considerado o período entre 1870 e 1910, entendendo que ela compreende toda a primeira fase da etapa industrial da

cidade. Acreditamos que assim é possível perceber as alterações da paisagem através das fotografias durante o período de instalação e consolidação da industrialização nesta cidade.

Entendendo isto, é preciso esclarecer que a problemática da pesquisa pousa sobre a compreensão das modificações ocorridas nesta transição já percebida através dos registros históricos. No caso, compreender como essas alterações sociais, econômicas e políticas se materializaram na paisagem e, se essas alterações se apresentam nas fotografias, como se apresentam. Assim, esperou-se constatar a possibilidade de perceber o afastamento dos menos abastados e centralização das elites no centro histórico; verificar a possibilidade de perceber um (re)deslocamento do núcleo de ocupação, juntamente com a expansão além-trincheiras²; além de compreender como, se houve, ocorreu o redimensionamento do centro histórico.

Definindo conceitos

Para atingir nossos objetivos, o esclarecimento do entendimento de alguns conceitos essenciais para desenvolver do trabalho fez-se necessário, de forma a evitar desentendimentos posteriores. Foi discutido o que é arqueologia, como é o trabalho arqueológico em contexto urbano, até chegarmos aos esclarecimentos de arqueologia da paisagem.

Assim, o conceito de arqueologia adotado neste trabalho foi tomado de Lima, que a entende:

Como disciplina que investiga, através da cultura material, a emergência, a manutenção e a transformação dos sistemas sócio-culturais, através do tempo, cabe-lhe investigar, na longa duração, de que forma a cultura material manipulou e foi manipulada, moldou e foi moldada, direcionou e foi direcionada pelas forças envolvidas na sua construção, até a sua culminância, com a revolução tecnológica remodelando

² As trincheiras eram precárias fortificações que protegiam a cidade desde, pelo menos, 1829 (TORRES, 2010, p. 50).

toda a base material da sociedade (LIMA, 2002, p. 118).

Desta forma, fica claro que se entende a disciplina como o estudo da cultura material para fins de conhecimento das sociedades, independente do tempo ou espaço em questão. Entendendo que a cultura material:

é produzida para desempenhar um papel ativo, é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante (LIMA, 2011, p. 21).

Embora a cultura material constitua as relações sociais, ela não representa seu reflexo, pois age de volta sobre estas relações com seu poder transformador. Assim, configura uma reciprocidade, onde as coisas mudam porque a sociedade muda, quanto ela muda porque as coisas mudam. É esta relação que torna a cultura material a “dimensão concreta das relações sociais” (LIMA, 2011, p. 21).

Entretanto, conforme a autora (LIMA, 2011, p. 19), a cultura material não apresenta um significado inerente, exigindo que os arqueólogos lhes confirmem algum significado. Todavia, as pessoas veem, leem, entendem e explicam as coisas de forma diferente, tornando a cultura material apta a múltiplas versões. Assim, não há como “reconstruir” o passado, e sim, criar uma, entre tantas outras, versões. Desta forma, conclui-se que:

Na transmissão e reprodução do significado cultural, os símbolos são agentes ativos. São eles que ordenam a vida social, recriando-a continuamente, de tal forma que esta é uma dimensão da cultura material que não pode ser ignorada. Esses significados não derivam simplesmente da sua produção, mas também do seu uso e da sua percepção pelos outros (Hodder, 1995, p. 83-84); são fluidos, variam de acordo com contextos históricos particulares, sendo continuamente transformados (LIMA, 2011, p. 19).

Assim, apresentada como a arqueologia é percebida neste trabalho e o que entendemos por seu objeto de estudo, pode-se perceber tamanha abrangência desta Ciência, estando apta a inúmeras divisões e ramificações.

Preocupamo-nos em discorrer acerca de duas, as quais este trabalho poderia ser enquadrado: arqueologia da paisagem e urbana.

A Arqueologia Urbana é definida por Staski (1982) como “o estudo das relações entre cultura material, comportamento humano, e cognição em um cenário urbano” (STASKI, 1982, p. 97)³, por sua vez, define cenário urbano como “um lugar permanente no qual a densidade de ocupação e quantidade de energia despendida por cada área de terra é consideravelmente maior que a região circundante” (STASKI, 1982, p. 97), ou seja, núcleo urbano.

Desta forma, considerando que este trabalho situa-se no contexto histórico da industrialização, mais especificamente em sua inserção na cidade de Rio Grande, e que nos preocupa como se dão as transformações nesta sociedade através da cultura material, acreditamos estar fazendo uma arqueologia da cidade.

Uma grande colaboradora para a compreensão de sociedades do passado é a arqueologia da paisagem⁴, uma vez que as paisagens configuram-se em excelentes fontes acerca destas sociedades (THIESEN, 1999, p. 24). Os conceitos consultados entendem que as pessoas não tratam apenas objetos isolados, elas marcam a paisagem com sua existência, alterando sua materialidade e inserindo significados, ao mesmo tempo em que tem suas vidas influenciadas por ela.

Desta forma, percebemos o entendimento dos indivíduos e da própria cultura como ativos na configuração das mudanças sociais (SOUSA, 2005, p. 294). Ou seja, as ações corriqueiras do cotidiano, passadas em espaços específicos, acabam por revestir a paisagem de sentidos (SOUZA, 2007, p. 79). É por esta relação que, de acordo com Rubertone (1989, p. 50) as paisagens podem ser consideradas como artefatos, pois alteram e são alteradas por ações humanas intencionais. Vale registrar que aí repousa um porquê da escolha da fotografia como base para esta pesquisa, pois

³ Original em inglês, tradução da autora.

⁴ Pode-se perceber que esta arqueologia apresenta uma multiplicidade de usos, ou seja, este conceito é utilizado de diversas maneiras por diferentes autores. Desta forma, apresenta-se aqui apenas uma destas linhas, a utilizada para desenvolvimento deste trabalho.

entendemos que ela registra um fragmento desta interação, um flagrante.

Enfim, é preciso ter bem esclarecida a relação de reciprocidade entre o homem e a cultura material, onde ambos são agentes e receptores das alterações do outro. E ainda, conforme Bender (2002, p. 104), entender que os significados culturais dados ao tempo e espaço não são apenas reflexos das relações sociais, eles carregam sua própria carga política e social. É dito isto no sentido de que eles (tempo e espaço) são percebidos como ‘coisas’. Se não houvessem pessoas que lhes conferirem nomes/sentidos, elas continuariam existindo, mas não haveria quem lhes reconhecesse.

Ambientando-se com a fotografia

A fotografia insere-se neste trabalho de diversas formas, pois se leva em consideração a sua inserção no período e se analisa os atributos das imagens em concordância com o contexto. Primeiramente salienta-se que seu ingresso no mercado e consolidação ocorre no escopo da Revolução Industrial, pois “a rapidez da produção em série e o baixo custo tornaram-se pré-requisitos em uma sociedade com crescente industrialização” (LIMA e CARVALHO, 2009, p. 29), corroborando para o fomento do maquinismo.

Além disto, segundo Oliveira (2011, p. 2), “em princípios do século XX, a fotografia esteve associada ao sinal da incipiente modernização das nascentes cidades e cada vez mais a confecção de retratos se tornou presente como parte da sua vida social”. Assim, materializou-se em diferentes versões técnicas, para atender as diversas demandas sociais. Entretanto, se por um lado a aquisição de retratos fosse acessível ao operário, havia ainda uma diversificação de artigos suficiente para garantir a exclusividade de classes abastadas. Criando assim uma ideia de democratização.

Passando para as formas de entendimento da fotografia, é necessário esclarecer que Dubois (1992, p. 3), quando trata das diferentes posições durante o percurso histórico da fotografia, separa três tempos: a fotografia

como espelho do real, a fotografia como transformação do real e a fotografia como traço de um real. Em um primeiro momento, a semelhança entre fotografia e seu referente causaram essa ideia de espelho. Em reação a isto, o segundo momento compara o objeto real e o fotografado, percebendo as suas diferenciações, entendendo a fotografia como instrumento de análise e interpretação. Já a terceira tem como ponto de partida a natureza técnica do ato fotográfico, considerando a fotografia como um testemunho, atestando uma realidade, sendo a fotografia uma escolha realizada dentre um conjunto de possibilidades. Segundo Kossoy,

A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte, além de ser o produto final que caracteriza a intromissão de um fotógrafo num instante dos tempos (KOSSOY, 2001, p. 37).

E ainda que, para sua realização, sejam necessários três elementos essenciais: assunto, fotógrafo e tecnologia. Uma vez registrada a imagem, em um espaço e tempo, fecha o ciclo do processo de origem. Ou seja, é resultado da escolha do fotógrafo, em determinado espaço e tempo, por determinado assunto, empregando determinada tecnologia. A partir do momento em que o fragmento do real é selecionado pelo ‘clíc’ do fotógrafo e isolado na bidimensão da fotografia, inicia-se outra realidade, um outro processo, o da vida do documento fotográfico.

Percebe-se assim o potencial da fotografia para ser tratada como instrumento de pesquisa, pois apresenta a possibilidade de vislumbrar o contexto sociocultural através da memória visual do microcenário do passado fixado na bidimensão. Isto é, dispomos de duas esferas de informações para realização de uma “arqueologia do documento fotográfico”: reconstituição do processo de origem do artefato e a determinação dos elementos que compõem o registro visual (KOSSOY, 2001).

Os três elementos constitutivos do processo de gênese são importantes, pois adiantarão informações para a posterior análise e interpretação. O fotógrafo é tomado como filtro, pois sua bagagem cultural,

sensibilidade e criatividade influenciam sua escolha do assunto (o que foi e o que não foi selecionado). Enquanto a análise da tecnologia corrobora para a descoberta do período em que a imagem foi tomada. A análise do conteúdo, espaço e tempo registrado, consiste na recuperação das informações acerca dos elementos individuais que compõem a cena.

Esta pesquisa fez uso do documento fotográfico, com imagens obtidas através do Projeto Paisagens e Identidades: a modernidade riograndina⁵. O acervo do Projeto é composto por digitalizações de inúmeras fotografias adquiridas em diferentes acervos da cidade, como a Fototeca Municipal Ricardo Giovanni e a Biblioteca Riograndense, bem como doações particulares.

Foi selecionada uma série de imagens que compuseram “uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar” (MAUAD, 1996, p. 83). Optamos por trabalhar apenas com vistas – uma vez que não é aconselhável a mistura de tipos de fotografia (MAUAD, 1996) – pois são consideradas indutoras da formação de padrões visuais, receptáculo de símbolos do imaginário urbano, e ainda representantes da sintonia entre o fotógrafo e a sua época (LIMA, 1991). No Brasil, este tipo de imagem deixa de ser insignificante a partir da metade do século XIX, mas apenas se tornará o “filão principal da fotografia” no século XX com a febre dos cartões-postais (TAVARES e MICHELON, 2008).

Por fim, a metodologia aplicada para a análise iconográfica, que antecede a interpretação, consiste em uma ficha, elaborada a partir da adaptação do roteiro apresentado por Kossoy (2001). Foi pensando em algumas dicas colocadas por Lima e Carvalho (2009) e Mauad (1996), e nas nossas necessidades, que suprimimos e modificamos alguns itens contidos no roteiro original.

⁵ O Projeto é desenvolvido pelo *Liber Studium* – Laboratório de Arqueologia do Capitalismo/ICHI – FURG com o financiamento do CNPq e coordenado por Beatriz Valladão Thiesen.

Metodologia e fontes

A partir dos conhecimentos já compartilhados no projeto de pesquisa Paisagens e Identidades, o desenvolvimento desta pesquisa específica começou com levantamento dos Relatórios da Câmara, passando para os jornais da época, observando o Censo Municipal de 1888, sobrepondo alguns mapas, e por fim chegando à análise das fotografias.

Os Relatórios da Câmara mencionados eram anuais, e tinham por objetivo informar os Deputados que compunham a Assembleia sobre o desenvolvimento e necessidades da cidade do Rio Grande, bem como prestar contas dos gastos efetuados pela Câmara. Constatamos ainda os relatórios de encerramento de gestão, que tinha a duração de quatro anos. Terminando o quadriênio, a gestão atual apresentava um denso relato com a recapitulação das atividades do período e encaminhava também à Assembleia. Este material proporcionou uma percepção de acontecimentos a partir de uma cronologia. Isto é, podemos perceber mudanças, necessidades e conquistas da cidade, praticamente ano a ano. Assim, ficam claros momentos de altos e baixos na situação financeira da cidade, além do esclarecimento de execução de obras públicas.

Outra fonte utilizada foi os jornais da época, pesquisados na Biblioteca Rio-Grandense. Dentre uma série de jornais que se encontram no acervo desta instituição, foi escolhido o Diário do Rio Grande, pois proporcionava mais informações econômicas e comerciais em relação aos demais. Foram pesquisadas as edições de 1870, 1890 e 1910, com o objetivo de compor uma amostragem que representasse o início, meio e fim do período trabalhado. Procuramos nestes periódicos publicidades ou notícias de fotógrafos ou atelier fotográficos, notícias ou publicidades de fábricas, anúncios de novos loteamentos ou quaisquer indícios de expansão urbana, inclusive além-trincheiras, a verificação de quantidade de anúncios de estabelecimentos e vendas nas diversas ruas da cidade, rendimentos da

Alfândega, e por fim, as mercadorias e produtos de importação e exportação.

Análises e resultados

Apresenta-se a seguir a síntese dos resultados atingidos através da interpretação das fontes consultadas. Porém, primeiramente é necessário lembrar a dificuldade ao pesquisar o material fotográfico devido a falta de informações contidas no acervo. Entretanto, visto o alarme de Kossoy (2001), podemos entender que esta lacuna não é um problema exclusivo do acervo consultado, sendo comum entre os demais. Podemos entender que esta constante falta de informação está ligada a valorização da fotografia como documento histórico ser uma tendência muito recente. Ou seja, esta ausência de dados seria um vestígio do período no qual as fotografias não eram aceitas para tal atividade.

De todas as maneiras, a falta de informações dificultou a identificação de fotógrafos, não sendo possível uma associação dos autores às fotografias, mesmo com a ajuda da bibliografia especializada, acabando por dificultar a compreensão dos chamados filtros, não nos possibilitando entender o que os levaram a fotografar uma coisa e não outra. Entretanto, apoiado em Gonçalves (2009), entendemos que este sujeito fotógrafo, o qual nos é desconhecido, está inserido em um contexto. Assim, foi possível relativizar, pois suas ideias e possibilidades estão inseridas em um conjunto de códigos e símbolos, os quais são compartilhados pela sociedade em questão.

Além da falta de informação, também foi devido nossa amostra ser composta principalmente por reproduções, que não conseguimos atingir identificações da técnica aplicada à fotografia, resultando em apenas uma tentativa. Desta forma, também não foi possível tecer considerações a respeito das técnicas utilizadas. É devido a isto que centramos a análise no assunto das fotografias, e dele conseguimos exprimir mais informações. Assim, foi a partir destas que conseguimos atingir nossa problemática.

Entendendo que a cultura material e a sociedade tem uma relação de reciprocidade, acredita-se que seja possível entender a sociedade a partir da cultura material, desta forma, foi proposto compreender as transformações da sociedade a partir da abordagem da arqueologia da paisagem. Para esta abordagem, compreendemos a paisagem como cultura material, ou seja, que ela também molda e é moldada pela sociedade. Assim, é por entendermos que a fotografia retrata um flagrante da relação entre as pessoas e a paisagem que optamos pela análise deste documento. Desta forma, a partir da ampla análise dos elementos que compunham as fotografias, bem como as associações entre a amostra, e cruzamento de informações com fontes bibliográficas e documentais, podemos compreender como os relacionamentos cotidianos e mesmo formas de pensar foram sendo alterados conforme a realidade econômica, política e social ia se alterando.

Através das fotografias, podemos notar diversas melhorias nas vias públicas, iluminação, transporte. Este aperfeiçoamento da cidade está intrinsecamente ligado à mudança da ideia associada às ruas. Isto é, anteriormente as ruas eram entendidas como lugares de trânsito de escravos, de trabalho (em um sentido pejorativo). Posteriormente, passa a ser um local de socialização. Assim, podemos entender que ela tem seu sentido substituído, no decorrer do período estudado.

Juntamente às alterações de estruturas da cidade, há a valorização e embelezamento de praças públicas. A reformulação das praças está ligada ao reordenamento dos espaços da cidade, que começa a ajustar-se às suas novas necessidades do mundo burguês. Principalmente ligada ao fenômeno de espetacularização das cidades, que consiste em tornar os espaços agradáveis para incentivar o consumo. Podemos verificar na amostra de fotografias o investimento nas praças, inclusive a instalação do chafariz da praça Xavier Ferreira. Eles que além de fornecerem água, exibem abundância e embelezam ambientes.

Neste sentido, podemos perceber nas fotografias que as ruas inicialmente apresentam-se vazias, com um escasso movimento. E, conforme

nos aproximamos da atualidade, as ruas começam a encher-se de pessoas. Além disto, é sabido que os investimentos fabris trouxeram muitas pessoas para a cidade, e conseqüentemente aumentando seu comércio.

A partir do estudo de mapas, podemos perceber a expansão da área comercial da cidade, e ainda uma valorização das ruas mais próximas à orla. Isto é, as ruas mais recorrentes nos anúncios de jornais, em quantidade, são, em todos os anos consultados, as mais próximas da orla. Aliás, estas também são as ruas mais fotografadas de acordo com nosso acervo. No entanto, pode-se notar nos mesmos mapas (de dispersão dos anúncios dos jornais) que, conforme os anos passam, há uma descentralização, ou seja, começam a aparecer anúncios, ainda que em menor quantidades, em lugares cada vez mais longes da orla. Podemos citar o Anfiteatro Albano Pereira, localizado próximo do cais, o qual ruiu após uma tempestade. Ele foi reerguido com outro nome (Cineteatro Politheama) em novo endereço: na Andradas esquina General Câmara, aproximadamente 3 quadras para o interior da cidade. Este exemplo nos mostra o crescimento da região central.

Ainda em relação ao reordenamento dos espaços, podemos perceber nas fotografias o principio de uma divisão dos lugares, como os para morar e para comercializar. Um novo pensamento que se constitui, opondo-se às tradicionais casas de dois pisos, onde se ocupava o primeiro com comércio e o segundo com moradia. Apresentam-se nas fotografias (mais recentes e medianas) casas de porões altos utilizados para residências, bem como quadras com apenas casas de moradia. Podemos considerar que esta mudança está relacionada a um rechaço ao passado colonial.

O discurso higienista, que propunha a necessidade de asseio e limpeza como formas de evitar doenças e males degradantes, também está intimamente ligada ao reordenamento, embelezamento e organização dos espaços da cidade. O novo discurso rapidamente associou a sujeira e os maus hábitos à pobreza. Desta forma, se fez necessário os melhoramentos nas ruas – evitando águas paradas –, a coleta de resíduos, a iluminação pública e abastecimento de água, afastando a imagem da cidade, ‘suja’ e nada

arrojada, colonial.

Outra lembrança colonial substituída foi a arquitetura. Entende-se que isto esteja relacionado à substituição da forma de expressão de *status* e riqueza, que no período colonial era realizado através do tamanho das propriedades, e posteriormente pela ostentação das fachadas. Desta forma, a adoção do ecletismo passa a ser predominante, visto seu luxo, exuberância, expressividade e ornamentação, que afastam a homogeneidade colonial. Esta substituição de ideais está explícita em praticamente toda a amostra fotográfica, onde se percebe esta adoção gradativamente. Além disto, podemos perceber ainda uma das principais características do ecletismo em diversos prédios fotografados em nossa amostra, a arquitetura falante.

Entretanto, o movimento eclético ainda é importante, pois representa a modernidade e o progresso. Entende-se que a platibanda pode ser representada como um símbolo técnico, pois representa o abandono de beirais nas construções; e de modernidade, pois liberta as ruas de águas indesejadas que desciam pelas telhas em frente às casas, corroborando com as ideias de higiene.

Assim, a necessidade de organização e limpeza levou a Câmara a solicitar terrenos fora dos muros de proteção da cidade para instalar fábricas que seriam prejudiciais a população. Desta forma, ficou evidente a diferenciação de fábricas de caráter industrial, que utilizavam de tecnologias para aumentar a capacidade de produção, e das confecções artesanais. Estas últimas confundiam-se em meio a casas e comércios, enquanto as fábricas industriais exigiam mais espaço, devido ao maquinário e quantidade de pessoal. Muitas vezes essas recebiam arquiteturas próprias e ostentavam grandes chaminés, que acabaram por tornarem-se símbolos de progresso.

Enquanto isto, na documentação dos jornais, podemos perceber que o aumento de fábricas desencadeou um crescente aumento da exportação de produtos industrializados, diminuindo o artesanal. Os produtos primários são mais exportados e menos importados, nos fazendo entender que houve

Tessituras

um incentivo à produção destes produtos, possivelmente para o barateamento de produção, visto a diminuição dos custos uma vez que não é mais necessário importar tanta matéria prima. Assim, entende-se que enriquecimentos individuais proporcionaram maior consumo. Desta forma, percebe-se que passa a ser importado mais quantidade e diversidade de produtos, além de um refinamento dos artigos.

Tal enriquecimento não é acompanhado pela municipalidade, que tem dificuldades financeiras para realizar os melhoramentos da urbe, sendo registrado nos Relatórios da Câmara que, muitas vezes, os empresários repassam recursos à municipalidade para que sua rua seja devidamente calçada ou iluminada. A Câmara passa a ver uma possibilidade de sair das dívidas quando passam a lotear os terrenos além-trincheiras em 1883, com a intenção de venda. Para incentivar a compra, os terrenos são comercializados com isenção de impostos por dez anos.

Assim, esta ocupação foi inaugurada pela fábrica de tecidos de propriedade do Comendador Rheingantz, instalada na rua que hoje leva seu nome, e paulatinamente começou a ser ocupada, principalmente por operários. Estes acabaram por se tornar um problema para a municipalidade, visto que o discurso higienista incentiva a limpeza do centro de pessoas que não estavam “aptas” a manter o padrão de higiene exigido pela nova sociedade, no caso trabalhadores pobres, ou pessoas de trabalhos sazonais, ou de caráter duvidosa.

Ainda que entendesse isto como um problema, a municipalidade não tinha recursos para a construção de casas operárias. Ficando novamente a



Figura 02: Fotografia 11 representa rua central da cidade, com diversos elementos de desenvolvimento industrial, com as crianças em primeiro plano.

Tessituras

cargo dos empregadores, que construíram casinhas ou vilas inteiras, tornando a Cidade Nova (bairro, originalmente do proletariado) uma solução em habitação.

É interessante ainda ressaltar a presença das crianças nas fotografias, soltas pelas ruas, em grande quantidade, uma vez que, ao ler os jornais da época, percebe-se que de professores particulares a cidade está repleta. Assim, isto também nos faz refletir acerca das necessidades financeiras da municipalidade, pois é presente nos Relatórios da Câmara a tentativa de manterem aulas públicas na cidade e distritos, mas a muito custo conseguem satisfazer o mínimo das necessidades. Tentam erguer uma escola municipal no centro da cidade, entretanto a construção incendeia-se, e as obras param. Ainda com o incentivo financeiro da comunidade, não veem possibilidade de conclusão da obra, até que uma das gestões da Câmara acaba por decidir vender os materiais restantes da obra para trazer dinheiro para os cofres públicos. Mais uma vez, a solução vem de origem privada. A exemplo, a Rheingantz oferece inicialmente aulas, e posteriormente constrói uma escola própria, para meninos e meninas, de qualquer idade, para seus operários ou filhos destes.

Assim, podemos notar os incentivos e benefícios trazidos pela industrialização da cidade. No entanto, percebe-se ainda que, a valorização do discurso higienista deixou o centro da cidade belo, na tentativa de tornar este ambiente próximo dos padrões europeus, afastando as partes “feias” e “sujas” da cidade, ocasionando uma segregação de parte da população. É através da tentativa de exaltação “disso” em detrimento “daquilo” que sutilmente podemos perceber um pouco do imaginário moderno. É presente também na diversidade de ruas fotografadas, que valoriza as da proximidade da orla, e não atinge os bairros operários. As fotografias de operários limitam-se em suas entradas e saídas das fábricas, quando se apresentam ordenados, em um visual *clean*, como o progresso “deve ser”.

Assim, nas fotografias podemos notar então o crescimento da população, o decorrente crescimento do comércio, o crescimento do parque

fabril com a aparição de chaminés, as modificações da estrutura da urbe, o aumento da área da cidade com a adesão de áreas fabris e de novas moradias para operários. Podemos inclusive constatar a transitoriedade das coisas, já que as pessoas se apropriam e lhe conferem significados, tornando-as uma construção social.

No entanto, ainda é preciso lembrar que esta é uma versão entre tantas possíveis, elaborada a partir de interpretações de uma pessoa, em determinado momento. Com isto, entende-se que, outra pessoa poderia interpretar os mesmos dados diferentemente, inclusive a mesma pessoa, em outro momento, poderia entendê-los de outra maneira. Além disto, é preciso também considerar que os dados analisados são fotografias, que consistem em instantâneos recortados, selecionados pelo fotógrafo, influenciados por pensamentos de determinada época. Ou seja, não poderiam ser consideradas as coisas que estão fora deste microcenário eternizado.

Referências bibliográficas

BENDER, Barbara. Time and Landscape. **Current Anthropology**, New York, v.43, p. 103-112, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O Acto Fotográfico**. Lisboa: Vega, 1992.

GONÇALVES, Tatiana Fecchio da Cunha. Particularidades da análise fotográfica. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 5, n. 6, p. 229-244, jan./jun. 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Solange Ferraz de. O Circuito Social da Fotografia: Estudo de Caso II. In: FABRIS, Annateresa (Org.). **Fotografia: Usos e Funções no Século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991. p. 59-82.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Usos Sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 147-178.

LIMA, Tânia Andrade. O Papel da Arqueologia Histórica no Mundo Globalizado. In: ZARANKIN, A.; SANATORE, M. X. (Org.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na**

América do Sul. Buenos Aires: Tridente Ediciones, 2002. p. 117-127.

_____. *Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais.* **Boletim do Museu Paranaense Emílio Goeldi**, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.

MARTINS, Solismar Fraga Martins. **A produção do espaço em uma cidade portuária através dos períodos de industrialização:** o caso do município do Rio Grande – RS. 2004. 245 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UFSC, [2004].

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces.* **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

OLIVEIRA, Valter de. *Retratos sertanejos: uma cultura fotográfica no interior baiano dos anos 1900-1950.* **O Olho da História**, Salvador, n. 16, n. p., 2011. Disponível em: <http://oolhodahistoria.org/n16/artigos/valter.pdf> . Acesso em: 30 jun. 2014.

RUBERTONE, Patricia. *Landscape as Artifact: Comments on “The Archaeological Use of Landscape Treatment in Social, Economic and Ideological Analysis”.* **Historical Archaeology**, Albany, v. 23, n. 1, p. 50-4, 1989.

SOUSA, Ana Cristina de. *Arqueologia da paisagem e a potencialidade interpretativa dos espaços sociais.* **Habitus**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 291-300, jul/dez, 2005.

SOUZA, Marcos André Torres de. *Uma Outra Escravidão: A paisagem social no engenho de São Joaquim, Goiás.* **Vestígios**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 59-92, jan-jun, 2007.

STASKI, Edward. *Advances in Urban Archaeology.* In: SCHIFFER, Michel B. (Org.). **Advances in Archaeological Method and Theory.** New York/London: Academic Press, 1982. p. 97-149.

TAVARES, Francine Silveira; MICHELON, Francisca Ferreira. *Paisagens da Memória.* In: MICHELON, Francisca Ferreira; TAVARES, Francine Silveira (Org.). **Fotografia e Memória: Ensaio.** Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2008. p. 211-234.

THIESEN, Beatriz Valladão. *As Paisagens da Cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre no século XIX.* 1999. 341 f. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, [1999].

TORRES, Rodrigo de Oliveira. **“E a modernidade veio a bordo”:** Arqueologia histórica do espaço marítimo oitocentista na cidade do Rio Grande/RS. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – PPGMP/UFPEL, Pelotas, [2010].